

A pesquisa do inconsciente no século dos alucinógenos¹ Rafael Domingues Adaime²

“Deixando na casa de Ícaro, antes de desaparecer, e talvez sem ter sido reconhecido, um bacelo com o qual, havia prometido ao dono da casa, horticultor de profissão, seria produzida uma bebida incomum, se seus conselhos fossem seguidos. (...) Ícaro convida os vizinhos para provar o vinho novo. Bebem, ficam maravilhados com o líquido perfumado; logo se entoam louvores ao fruto da mãe selvagem. De repente, um dos que bebem cai para trás, outro desaba, a embriaguez faz os mais robustos vacilarem. E aqueles que ainda estão de pé começam a clamar por matança e envenenamento. Atiram-se a Ícaro, agridem-no selvagememente. Seu corpo mutilado é atirado ao fundo de um poço. Sua filha Erígone se enforca; a cadela Maíra se suicida e a terra é atingida por terrível esterilidade. (...) Cabe aos homens experimentar o vinho puro, a bebida que queima como cem fogos, que verte a morte gelada como o sangue do touro oferecido nos ordálios. Na época de Ícaro, o vinho aparece primeiro como veneno violento; e Dioniso, que saiu de cena, deixa aos homens o cuidado de descobrir o poder do vinho e do deus que o habita.”

Marcel Detienne

Utilizados numa infinidade de culturas e épocas, os alucinógenos muito recentemente retornaram ao cenário da vida urbana. Flutuantes são eles na história, como um pêndulo sem eixo, girando em golpes velozes. Tão fundamentais como os alimentos, a guerra e a caça, tiveram suas propriedades exploradas pelos sábios feiticeiros da antiguidade. Seu espécime de alta potência mais comum e cosmopolita, o cogumelo³, estava presente no território religioso, mágico, festivo e medicinal de sociedades situadas em todos os continentes de nosso planeta. Entre os astecas era chamado *teonanacatl*, a carne de Deus; muito respeitado por suas virtudes de violenta intensidade, tinha seus mais nobres segredos guardados pelos feiticeiros.

Após a dominação européia na América, as potencialidades desses pequenos fungos ficaram escondidas por cerca de dois séculos, devido ao desinteresse e assombro dos religiosos europeus que reprimiram e mataram inúmeros feiticeiros, sob a cruz de ferro da Santa Inquisição, acusando-os de contatos com o demônio em rituais com consumo de cogumelos sagrados.

“Nos arquivos mexicanos do Tribunal da Inquisição há o caso de um processo em que um índio é acusado porque ‘comunga as pessoas e ele mesmo comunga, com uns pequenos cogumelos, que chamam em sua língua *teonanácatl*, que é coisa endiabrada, pela qual saem dos sentidos e dizem ter visões endiabradas (...) é o corpo do demônio (...) pequenos fungos para fazerem suas velhacarias e são por eles dedicados ao Demônio⁴”

O desejo ou a condenação dos cogumelos, assim como da maioria das drogas conhecidas, nunca conseguiu estabilidade, ou seja, sempre fizeram parte dos costumes de um povo, ao mesmo tempo em que

¹ In: *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, Editora Hucitec, 2005 (no prelo).

² Aluno do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica; Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. PUC-SP.

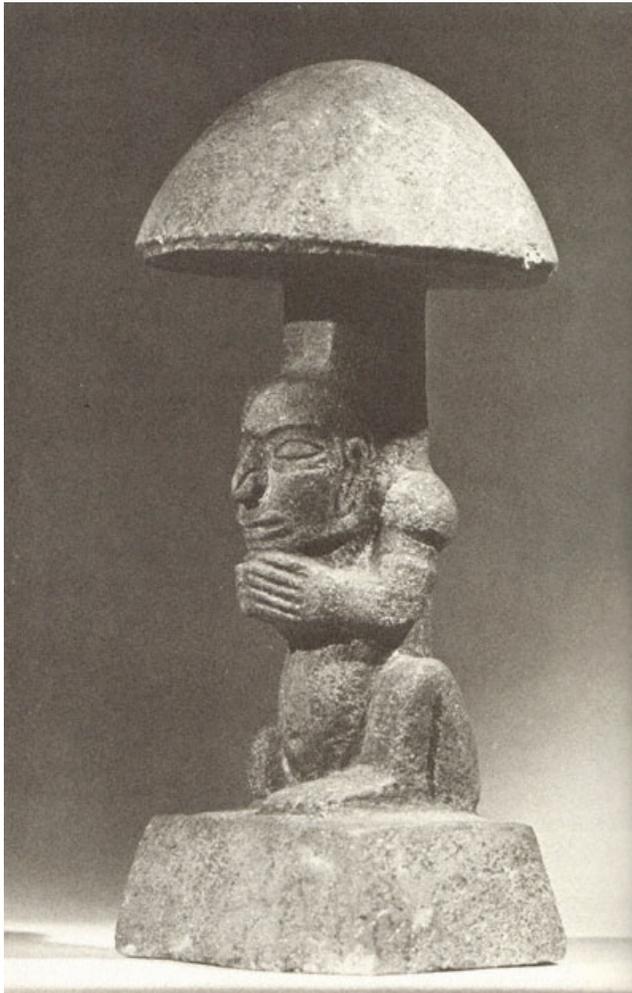
³ Fungo alucinógeno; seu tipo mais comum é encontrado no esterco bovino.

⁴ Sangirard Jr. *O índio e as plantas alucinógenas*. Rio de Janeiro, ed. Alhambra. 1983

eram excluídos da vida de outro. Essa constatação fez parte da história contemporânea de pesquisa sobre cogumelos alucinógenos, quando Robert Gordon Wasson⁵, um dos principais pesquisadores da etnomicologia, cunhou na década de cinquenta os termos ‘micófilia’ e ‘micofobia’, para designar respectivamente, povos que consomem cogumelos alucinógenos e povos que, pelo contrário, os rejeitam. Conta-se, por exemplo, que no primeiro dia da Revolução do Proletariado na Rússia e Polônia, ambas apreciadoras de cogumelos alucinógenos, os camponeses que invadiram os latifúndios conquistados foram logo à procura dos pequenos fungos.

As controvérsias em torno dos alucinógenos se intensificaram a partir do final do século dezenove até o final da década de setenta do século vinte. O início dessa fase está marcado com o isolamento em laboratório do princípio ativo do cactus Peiote, a mescalina, em 1896, que manteve-se muito pesquisada na primeira metade do século. Em 1898, o geógrafo alemão Carl Sapper descreveu pela primeira vez as esculturas de pedra em forma de cogumelos⁶, encontradas na Guatemala, pondo fim ao silêncio forçado pelos antigos religiosos europeus, que para evitar possíveis consequências indesejáveis com a divulgação de rituais com alucinógenos entre os índios, apoiavam a tese de que tais esculturas simbolizavam falos⁷. No século vinte houve um grande impulso nas pesquisas etnobotânicas, químicas e religiosas em torno dos alucinógenos. Ao mesmo tempo interessados em compreender o uso ritualísticos de tais substâncias psicoativas e de adaptá-las sinteticamente para uso medicinal, inúmeras pessoas acabaram sendo responsáveis pela disseminação dessas práticas primitivas, por tanto tempo escondidas no interior do continente. A década

⁵ R.G. Wasson. *La búsqueda de Perséfone: los enteógenos y los orígenes de la religión*. México: ed. Fondo de Cultura Económica. 1992.



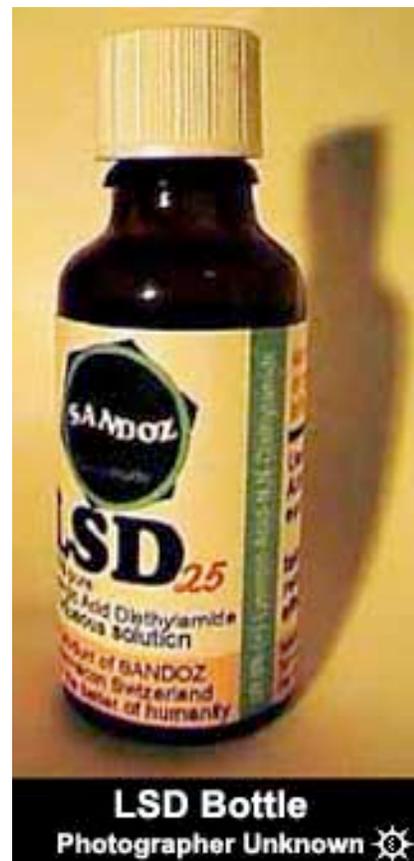
⁶ Mushroom Stone circa 1000 BC-500 AD, Guatamala City
Photo from *The Wonderous Mushroom*, © R. Gordon Wasson

⁷ Sangirard Jr. *O índio e as plantas alucinógenas*. Rio de Janeiro, ed. Alhambra. 1983

de cinquenta trouxe novamente ao cenário os cogumelos mágicos. Etnobotânicos como R. G. Wasson e antropólogos como Carlos Castañeda foram importantes proliferadores dessa prática milenar de auto-conhecimento, celebração da vida, vidência e cura. Concomitante ao desenvolvimento acelerado dos canais de mídia de massa os alucinógenos logo se tornariam conhecidos no mundo todo.

Como se não bastasse sermos apenas descobridores e aprendizes dos antigos xamãs, acabamos inventando alucinógenos semi-sintéticos em laboratório. Entre eles, o mais conhecido e utilizado foi o LSD (dietilamida do ácido lisérgico). Essa droga de intenso poder de ação foi descoberta incidentalmente em 1943 pelo químico austríaco Albert Hoffman, nos laboratórios da gigante indústria farmacêutica 'SANDOZ'. Hoffman trabalhava numa pesquisa para descobrir algum tipo de estimulante circulatório e respiratório a partir de um fungo parasita do centeio, chamado *cornezuelo*, quando absorveu incidentalmente, provavelmente através da pele, uma pequena quantidade da droga; ao retornar do laboratório para sua casa, dirigindo seu carro, o químico foi surpreendido por intensas alucinações⁸.

Assim como Ícaro não poderia prever as conseqüências do presente de Dioniso, Hoffman, em pleno pós guerra do século vinte, não fazia a menor idéia das transformações culturais que aconteceriam nos anos seguintes. O seu *filho problemático*, como ele mesmo chamou o LSD, seria um dos agentes mais ativos nas revoluções sociais dos movimentos de contracultura e das ciências da saúde, onde foram utilizados e pesquisados com propósitos terapêuticos no campo da Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.



⁸ Antônio Escotado. *Para uma fenomenologia de las drogas*. Madrid, Ed. Mondadori. 1992

⁹ www.erowid.org

O LSD na caixa de brinquedos

O LSD

Comparado aos dados bélicos, o ácido lisérgico tem potência relativa a Bomba de Hidrogênio. A dose ativa mínima em humanos é inferior a 0,001 miligramas por quilograma de massa corpórea. Trocando em miúdos, um quilograma de LSD seria suficiente para ser utilizado por dez milhões de pessoas; o equivalente a população da cidade de São Paulo. A dose letal ainda não foi alcançada¹⁰. Sabe-se que a margem de segurança¹¹ alcança pelo menos valores entre 1 a 650 doses mínimas; não existe nada parecido no campo farmacológico¹². O alucinógenos apresentam o fenômeno da tolerância¹³, isto é, seus efeitos diminuem ou não aparecem com a reiteração de sua administração; mesmo que se pretenda manter seus efeitos com sucessivas doses, ao longo de alguns dias o corpo se tornará totalmente insensível aos efeitos da substância, mesmo se tomado em altas quantidades. Portador de características semelhantes às drogas visionárias xamânicas - cogumelos, peiote, ayahuasca¹⁴ - o LSD acessou diversos territórios antes de ter sido proibido em 1965. Circulando livremente pela cultura durante 23 anos (43-65) teve mais publicações científicas a seu respeito do que todas as outras substâncias psicoativas juntas durante o século vinte inteiro.

DISPOSITIVO CLÍNICO

Por causa de seu peculiar poder psicoativo o LSD passou a ser utilizado em psicoterapia, onde obtinha excelentes resultados no tratamento de inúmeros casos. O mais popular pesquisador das suas ações no psiquismo foi o Psicólogo norte americano Timothy Leary. Doutor em Psicologia Clínica, Leary ingressou em 1960 no *Center for Research in Personality*, da Universidade de Harvard, onde empreendeu o projeto de pesquisa de alucinógenos, administrando psilocibina e LSD em estudantes de psicologia e intelectuais que se candidavam espontaneamente. Muito mau visto por uma parcela de membros da Universidade, exposto na mídia de forma desgastante, Leary acabou sua carreira universitária sendo expulso em 1963¹⁵. Caminhando de uma forma intolerável para a escolástica científica, ele conciliava pesquisa científica e espiritualidade, trazendo consigo numerosos aliados para seus propósitos.

“O regime psicodélico permitirá a cada um compreender que não é um robô posto sobre a terra para receber um número de seguro social e ser agregado as agrupações que são a escola, a carreira, os seguros, os funerais, as despedidas. Graças ao LSD todo ser humano saberá compreender que a história completa da evolução está registrada em seu corpo”¹⁶.”

Certamente que as intenções humanistas de Leary não são expurgáveis, ao contrário. Leary foi feiticeiro-guru, um louco lançando pragas ou mais um messias com mais um caminho novo, dizendo verdades inconciliáveis com as formalidades e as etiquetas do possível. “Temos de estar em vigilância constante, para pelo menos tentarmos saber quem controla a luz de nossas retinas”, dizia ele. Como se freqüentasse a fronteira, que fica entre a igualdade dos destinos e o desejo de inventar a própria vida a cada momento...

¹⁰ essas informações consideram LSD em estado puro, sem as possíveis misturas da produção clandestina.

¹¹ Diferença entre dose mínima ativa e toxicidade máxima ou letal.

¹² Antonio Escohotado. *Op. cit*

¹³ a tolerância é a resistência que o organismo produz ao efeito das drogas. No caso específico dos psicodélicos (LSD, mescalina, psilocibina, etc.) o corpo necessita de no mínimo 72 horas de intervalo entre uma dose e outra para que as substâncias atuem eficazmente. Guillermo Kornblit, Jorge Martinez. In. Alberto Fontana. *Psicoterapia com LSD*. São Paulo, Ed. Mestre Jou. 1969.

¹⁴ Alucinógeno produzido naturalmente na região da Amazônia brasileira e peruana, utilizado, por exemplo dos rituais do Snato Daime. Ver: Beatriz Caiuby Labate. *O uso ritual da Ayahuasca*. São Paulo, ed. Mercado de Letras. 2002

¹⁵ Timothy Leary. *Flashback*. São Paulo, ed. Beca. 1999.

¹⁶ Antonio Escohotado. *Historia de las drogas*. Madrid; Alianza Editorial. 1995. P.64

A pesquisa do inconsciente, em Freud, começou com o estudo das patologias. Há muito pouco, as ciências da mente estavam sofisticando o modo de percepção e entendimento do corpo, que deixava de ser assemelhado a uma maquinaria biológica apartada de um espírito ou universo puro das idéias. Para Platão, ou para o cristianismo, o mal foi identificado com o corpo, nos instintos animalescos que impediam o homem de ascender a perfeição da idéias, e portanto deveria ser controlado e amansado. Freud, em seu tempo, foi um dos que reivindicaram o corpo para as ciências. A subjetividade começava a ter novos olhares sobre si, que ampliariam seu papel na vida. Quando os cientistas e terapeutas transformaram o LSD em aliado clínico as pesquisas do inconsciente e as formas de intervenção na saúde das pessoas se ampliaram independentemente do solo teórico ao qual se aliava o observador.

Alberto Fontana¹⁷, psiquiatra argentino que trabalhava em psicoterapia auxiliada por LSD indicava a droga para a “maioria dos pacientes neuróticos”, e também dizia ser necessário que se fizesse “uma psicoterapia correta” e que o terapeuta tivesse “uma ampla experiência no uso de alucinógenos, tanto com pacientes como consigo mesmo¹⁸”. O grupo coordenado por Fontana trabalhou cerca de quinze anos utilizando LSD em psicoterapia, tanto individual como de grupo, e também com crianças. Atores de uma analítica baseada na interpretação transferencial, viam na droga um importante aliado na facilitação da transferência e na provocação de *insight*. O paciente com indicação para utilização de LSD o fazia em sessão analítica, acompanhado pelo psicoterapeuta, no mínimo dois meses após o começo da terapia.

“a primeira sessão com alucinógenos é uma situação traumática, frente a qual o paciente reage com diferentes mecanismos de adaptação psicológica. É constante que o enfermo venha a ela com um incremento de ansiedade, determinado pelo fato de ter de enfrentar uma situação nova¹⁹”.

Essa ansiedade ou resistência é muito freqüente nas pessoas que experimentam as plantas de poder pela primeira vez. Aldous Huxley esperando pela chagada do médico com mescalina:

“Eu estava ali e estava disposto, na verdade ansioso, a servir como cobaia. (...) O medo era de ser dominado, de desintegrar sob uma pressão de realidade maior que pudesse agüentar uma mente acostumada a viver a maior parte do tempo num aconchegante mundo de símbolos²⁰”.

Ou então o antropólogo Sangirard Jr., do Museu Nacional de Antropologia, que experimentou Peiote no início dos anos oitenta, e relata da seguinte forma sua preparação para a experiência inaudita que aguardava:

“Durante 2 meses impus-me severa disciplina: alimentação racional, abstinência de álcool, exercícios físicos diários. Boêmio notório, eu me comportava agora como atleta às vésperas de competição. E isso simplesmente porque tinha medo²¹”.

Mas logo que o psicoativo começava a fazer efeito, de acordo com as doses administradas, numa experiência em que o sujeito esteja bem de saúde física, e acompanhado por alguém experiente, o medo vai sendo substituído por uma doce sensação de descobrir o mundo pela primeira vez. As sessões psicoterápicas com mescalina duravam em torno de seis a dez horas e com LSD entre cinco e sete horas. No final da sessão, se administrava um poderoso calmante que inibia completamente a ação do alucinógeno. Para os pesquisadores da década de sessenta, o alucinógeno como dispositivo clínico facilitava o trabalho em caso de pacientes com muita resistência ao terapeuta e modificava o tempo de duração do tratamento. Fontana cita Frederking, que “deduz que o uso destas substâncias encurta o tempo do tratamento”, mas não concorda integralmente, pois, segundo ele, o uso periódico de alucinógenos na clínica realmente modificava rapidamente a sintomatologia, mas como contraponto, exigia mais trabalho de análise porque com as drogas se alcançava um nível mais ‘profundo’, que tornava a psicoterapia mais intensa, com conseqüências de melhorias mais estáveis aos pacientes.

¹⁷ Alberto Fontana. *Psicoterapia com LSD e outros alucinógenos*. São Paulo; Ed. Mestre Jou. 1969.

¹⁸ Fontana. *Op. Cit.* P. 101.

¹⁹ *Op. Cit.* P. 109

²⁰ Aldous Huxley. *Moksha*. Porto Alegre; ed. Globo. 1983. P. 70

²¹ Sangirard Jr. *O índio e as plantas alucinógenas*. Rio de Janeiro, ed. Alhambra. 1983

Fontana, bravo pesquisador argentino, psicanalista convicto, experimentador prudente de drogas alucinógenas, tinha claro seu ponto alquímico de produção e intervenção na saúde dos seus pacientes com LSD; era o que ele chamava de “*vivência oceânica integradora*”²², provocada pela ingestão de alucinógenos. Era um estado especial de êxtase orgânico e perceptivo onde o “Eu se liga ilimitadamente ao Id e ambos com o cosmos, fora de todo o espaço e o tempo”. Essa percepção sobre os acontecimentos vividos pelo paciente, fazia Fontana acreditar que esse modo de funcionamento lhe indicava que o “núcleo central da personalidade” estava exposto a luz. A vivência sensitiva de integração do corpo individual com a subjetividade cósmica é muito típica e se repete inúmeras vezes em diferentes tipos de relatos de experiências alucinógenas. Mas por que, para Fontana, essas situações ganhavam tamanha importância?

Em temporada no México, aguardando poder participar de um ritual com Peiote, Antonin Artaud ouviu algo, muito parecido as idéias de Fontana, de um índio que lhe recebera: “*O peiote, percorrendo todo o eu nervoso, ressuscita a memória dessas verdades soberanas e não faz, foi-me dito, perder mais nada à consciência humana, e ao contrário permite que ela recupere a percepção do Infinito*”²³. Por que, tanto no relato de Artaud, como nas conclusões de Fontana, as percepções sensitivas de integração cósmica e ligada ao infinito tendem a ser interpretadas como um caminho para a saúde?

Uma paciente em sessão combinada com LSD (100 microgramas)²⁴:

“Paciente: Fecho os olhos e sinto que o sangue me percorre o corpo, sinto as pulsações, é como se o visse e me causa muita dor... e agora até a cabeça... Que medo! E por que também a cabeça?”

Terapeuta: Por que, sentira a cabeça como algo diferente, separado?

P: Porque na cabeça tenho idéias... Sinto que as idéias me mancham como se também tivessem sangue e pudessem adoecer. **Tenho medo de morrer**”.

O psicanalista interpreta diretamente, concluindo o relato:

“T: O medo da morte lhe aparece quando sente que suas idéias não estão separadas. Que o seu corpo e sua cabeça estão unidos, coisa que sempre chegou para poder pensar que era eterna e para proteger suas idéias, para que não se manchem com as coisas do corpo que sente sujas e más”.

Em outro caso a equipe de Fontana conclui suas intuições sobre a existências de uma “memória corporal”: “Um paciente que efetuava uma sessão com ácido lisérgico via seu passado como fotografia de cor cinzenta; em determinado momento, relacionado com sua **mãe**, as fotografias se encheram de cor e juntamente com o afeto que a recordação despertou, deixaram de ser planas para adquirirem volume”²⁵.

Com essas drogas em psicoterapia havia um ganho na intensidade do material trabalhado, ou seja, as memórias e idéias dos pacientes eram investidas de afectos primários, quase instintivos, que rompiam as barreiras da racionalização. Com os alucinógenos, a paciente fez poesia tensa e chorou sua morte; o jovem tendo visões de seu mundo, “vê” as imagens produzidas por seu próprio corpo ganharem qualidade quando associadas ao afeto pela mãe. Dois temas que talvez Fontana considerasse como habitantes do que ele chamava “núcleo da personalidade”: a morte e a mãe.

A pesquisa com LSD em psicoterapia ganhava novos adeptos a grande velocidade de produção. Inicialmente foram utilizados principalmente em esquizofrênicos, por causa da associação inevitável que se fazia entre a percepção alucinógena e o que seria a percepção na loucura. Em alguns casos essas experiências foram aterrorizantes para os pacientes, em muitos outros os pesquisadores não registraram efeitos diferenciais.

²² Fontana. *Op. Cit.* P. 112. O conceito *oceanic experience* foi criado por William James.

²³ Antonin Artaud. *Os Tarahumaras*. Lisboa; Relógio D'água. 1985.P. 13

²⁴ Fontana. *Op. Cit.* p. 113.

²⁵ Fontana. *Op. Cit.* P. 113

Porém, mesmo sendo mais utilizado na terapia de “neuróticos”, o LSD promoveu um deslocamento da perspectiva estritamente patológica com que se entendia a esquizofrenia, fazendo com que a noção de alucinação saísse do terreno da doença e ingressasse também no da promoção de saúde. Essas drogas deixaram de ser chamadas apenas de *psicotomiméticas* para ganharem o nome, por exemplo, de *psicodélicas*. Nessa intersecção entre as “alucinações” ou “visões” existentes na loucura, assim como no efeito das drogas psicodélicas aparece uma questão que interessa à pesquisa do inconsciente no século dos alucinógenos: não estaria nesse cruzamento uma das chaves do que foi pergunta insistente de Deleuze e Guattari – *como captar a potência do esquizo sem se tornar um louco?* Ou então na questão similar de William Burroughs, para as drogas – *como captar a potência das drogas sem se tornar um farrapo drogado?*

Não me parece que aja dúvida em relação a isso. Independentemente do solo teórico, tão diverso entre os pesquisadores de alucinógenos, havia se instalado na vida dos cientistas e dos artistas uma vontade intensa de criação de novas visões sobre a subjetividade, e de novos caminhos para a saúde geral das populações. Com os alucinógenos, o tratamento era enriquecido por se intervir no paciente num estado de alta sensibilidade e integridade corporal, com a percepção e o pensamento alterados no sentido da desindividuação e da exploração das virtudes inventivas. Para Deleuze e Guattari, “a droga dá ao inconsciente a imanência”²⁶, que por si só pode levar ao aniquilamento subjetivo do sujeito, mas que nas milhares de diferentes experiências realizadas em 23 anos de pesquisas com LSD, caminhava para a construção de estratégias que permitiriam ao usuário de psicodélicos uma utilização segura e de efetiva transformação dos territórios existenciais na direção de ganhos para a saúde.

INTERMEZZO

“Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem
movimento,
Assim como as flores não têm
Perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da
Borboleta,
No movimento da Borboleta o
Movimento é que se move
O perfume é que tem perfume no
Perfume da flor
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor”

Fernando Pessoa

EXPANDINDO AS FRONTEIRAS

Até a metade do século vinte os alucinógenos estavam restritos as pesquisas arqueológicas e antropológicas, mas com a introdução dos agentes ‘PSI’ em cena, a pesquisa do inconsciente se viu redimensionada, a partir de várias formas de investigações e aplicabilidades. Na década de sessenta os estudos

²⁶ Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil Platôs 4*. São Paulo; ed. 34. 1997. P. 79

sobre telepatia e clarividência, que já tinham status científico, ganharam no LSD um aliado importante. A semelhança do Ácido Lisérgico com drogas visionárias xamânicas, trazia pela primeira vez a possibilidade de reassimilação dessas virtudes do corpo para a vida dos povos ocidentais, se tornando, em determinado momento, a vanguarda da Psicologia do pós-guerra.

“Talvez jamais como nos dias de hoje, o homem se preocupou tanto em saber o que, à visão normal, se oculta além das profundezas de sua própria consciência. O que através de milênios foi cogitação exclusiva das religiões, vem se tornando objeto igualmente da pesquisa científica... a Parapsicologia é ciência plenamente estabelecida e com base sólida no cálculo das probabilidades e da estatística. A clarividência, a telepatia, apaixonam os cientistas que pretendem continuar a merecer respeito pelos títulos que ostentam. Isso passou a ocorrer principalmente depois que Sigmund Freud reconheceu a telepatia e Jung proclamou que o inconsciente é, no mínimo, tão lúcido quanto o consciente²⁷”.

Quem faz esse entusiasmado relato é Cesário Morey Hossri, que na década de sessenta foi professor de Hipnose Clínica em pós-graduação de medicina e odontologia da PUC-Campinas e Faculdade de Santos. Ele foi o principal pesquisador e divulgador brasileiro da tecnologia clínica inventada por J.H. Shultz, denominada Treinamento Autógeno. Inicialmente influenciado pelas pesquisas com LSD, Shultz desenvolveu algumas baterias de exercícios mentais semelhantes, em certos aspectos, aos praticados pelos iogues, e utilizadas com finalidades psicoterápicas para ganho de “relaxamento dos estados de tensão muscular e mental, constituindo assim meio para eliminar a ansiedade, a angústia, a depressão, as neuroses, as moléstias funcionais, o stress²⁸”.

Os pesquisadores de Treinamento Autógeno, assim como a seu modo foram Osmond, Huxley, Leary, Castañeda e Artaud, corriam em busca de um uso do corpo há muito reprimido pelos sistemas de controle populacional. Como em Freud, havia na época das pesquisas com LSD uma reivindicação do corpo; ou como em Artaud, requisitando ao menos a liberdade de ação sobre o próprio corpo sem órgãos, já que o organismo teria se transformado em camisa de força – “Podem me prender numa camisa de forças, mas não há nada mais inútil do que um órgão!²⁹” O que pode o corpo do xamã, também pode o nosso? Há algo em nosso corpo que nos permitiria o desenvolvimento de uma sensibilidade de cura, vidência ou telepatia?

As pesquisas com drogas visionárias avançavam para o conhecimento das milenares práticas xamânicas, que levariam o conhecimento sobre o inconsciente para além das fronteiras do possível- naquela época, “abordava-se em primeiro lugar, como todas as drogas dizem respeito às velocidades, às modificações de velocidade, aos limites da percepção, às formas e aos movimentos, às micropercepções, à percepção tornando-se molecular, aos tempos sobre-humanos ou sub-humanos³⁰”. Nas pesquisas de Treinamento Autógeno, pessoas com diagnóstico prévio de propensão à paranormalidade eram submetidas a testes sob efeito de LSD, onde se observava um grande acréscimo em suas virtudes perceptivas.

“O primeiro, professor de filosofia, reproduziu desenhos que foram feitos e transmitidos telepaticamente (vulcão e disco voadores) por outra pessoa; captou por telepatia, cartas de um baralho comum, acertando 22 em 26 cartas, em seis experiências sucessivas; revelou também, clarividência, acertando 23 cartas em 30, que foram colocadas sem serem vistas, sobre as palmas das mãos de seis pessoas, em cinco experiências sucessivas.

“O segundo, médico, captou telepaticamente o desenho que foi feito por outra pessoa, de um relógio de parede, acertando inclusive as horas que marcava; teve o pressentimento e a visualização parcial de um acidente ocorrido com seu filho, acidente comprovado posteriormente (choque entre automóveis a cerca de

²⁷ Cesário Morey Hossri. *Prática do Treinamento Autógeno e LSD*. São Paulo; Ed. Mestre Jou. 1968. P. 81

²⁸ Hossri. *Op. Cit.* p. 12

²⁹ Antonin Artaud. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre; Ed. L&PM. 1983.

³⁰ Gilles Deleuze. *Dois questões*. In. Saúde Loucura 3.

cinco quilômetros do local em que se encontrava); captou telepaticamente as cores vermelha e preta de um baralho comum, com 36 acertos em 40³¹”.

Humphry Osmond, jovem psiquiatra inglês radicado no Canadá, parecia ser sensível o suficiente para perceber que os alucinógenos tinham uma história tão vigorosa entre as mais variadas tribos do planeta, que teria mais a revelar se fosse experimentado sem expectativas teóricas. Osmond produziu experiências diversificadas com alucinógenos, e foi através dele que Aldous Huxley tomou mescalina pela primeira vez, como ficou imortalizado no livro *As portas da Percepção*. Havia em pesquisadores como Osmond a certeza de estar manejando algo inédito para as formas de conhecimento ocidentais; O LSD na caixa de brinquedos do analista ganhou movimentos surpreendentes e interessantes, fazendo diminuir em si o barulho interno das teorias PSI, em prol do aumento da virtude de escutar as vibrações do estranho. Vivendo, como terapeutas, a experiência alucinogênica na experimentação da caosmose³² inconsciente, podiam agenciar com intensidade dispositivos de produção de saúde, ou seja, potencialização e singularização da vida. Foi seguindo essa trilha que Osmond cunhou o termo *Psicodélico*, para designar essas substâncias de valor inestimável para sua época:

“nossa geração é a última vinda desta linha de pesquisadores que, desde os mais remotos tempos e em todos os países, procuraram os meios que permitiriam ao homem explorar, transformar e controlar o mecanismo de seu próprio espírito e, assim, alargar o campo de sua experiência no universo³³.”

Nossa geração pôde ver ao longe as fagulhas dessa época de intensa agitação cultural. Há quarenta anos o mundo fervilhava agitadamente por urgentes transformações num destino que se imaginava catastrófico perante a iminência de uma guerra nuclear e da industrialização capitalística que ameaçava o ecossistema terrestre. Nesse contexto, o LSD e outros alucinógenos foram aliados intensos, utilizados de diferentes formas, tanto por pesquisadores, militares, artistas e outros milhares de humanos desejosos de metamorfoses em suas vidas. No entanto, não se pôde continuar por muito tempo com o desenvolvimento dessas pesquisas, pois logo, avançaria impiedosamente o investimento proibicionista encabeçado pelos Estados Unidos, que por razões morais e de controle populacional impediria inclusive as experiências científicas controladas pelos governos. Somente o governo Estadunidense continuou com as suas experiências próprias, buscando encontrar no LSD, e em similares, um dispositivo de interrogatório e de enfraquecimento de adversários de guerra. Mesmo estando em crescente ascensão na criação de ações terapêuticas e na pesquisa do inconsciente, com reais melhorias para a saúde das pessoas, a *acid clinic* teve seu portões fechados pela Central de Inteligência Americana.

Abruptamente proibidas e perseguidas como ‘inimigas públicas número um’, essas drogas mantiveram-se durante duas décadas na clandestinidade, e logo acompanharam o afrouxamento das leis sobre a *marihuana*, a insurgência do ecstasy (MDMA), os programas de redução de danos, a proliferação de rituais religiosos e pagãos com Ayahuasca, a criação de redes de cultivadores caseiros de cogumelos psicodélicos. Na ciência parece que algum tempo mais vai levar para realizarmos experiências como fez a geração anterior, mas sem dúvida nenhuma, estamos vivendo uma terceira geração de experimentadores de drogas psicodélicas, que, em muitos casos, trazem antigas questões humanas, em outros, lançam horizontes desconhecidos sobre os limites da vida. É muito cedo ainda para sabermos onde isso nos levará, mas ficaremos atentos para assistir como aquela geração está germinando nesta. Será que, como antes, os psicodélicos atuarão diretamente no embate político? Existem motivos para crermos num uso revolucionário dessa experiência intensiva? Na contracultura se lutava contra os valores burgueses e imperialistas, e os psicodélicos indicavam, para muitos, outros caminhos possíveis. E hoje, que lutamos para encontrar suportes para viver a instabilidade da época, são os alucinógenos aliados importantes para a criação coletiva de novas formas de vivência da experiência intensiva na política, na arte e na ampliação do poder pessoal?

³¹ Hossri. *Op Cit.* P. 95

³² utilizo o conceito na perspectiva de Félix Guattari

³³ Humphrey Osmond. *Sobre Alguns Efeitos Clínicos*. In.: MANDALA: A experiência alucinógena. Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira. 1972.

“E Dioniso, que saiu de cena, deixa aos homens o cuidado de descobrir o poder dos psicodélicos e do deus que o habita”.

Bibliografia:

1. Artaud, Antonin. *Os Tarahumaras*. Lisboa; Relógio D'água. 1985.
2. Artaud, Atonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre; Ed. L&PM. 1983.
3. Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs 4*. São Paulo; ed. 34. 1997.
4. Escohotado, Antônio. *Para uma fenomenologia de lãs drogas*. Madrid, Ed. Mondadori. 1992.
5. Escohotado, Antonio. *Historia de las drogas*. Madrid; Alianza Editorial. 1995.
6. Fontana, Alberto. *Psicoterapia com LSD e outros alucinógenos*. São Paulo; Ed. Mestre Jou. 1969.
7. Fontana, Alberto. *Psicoterapia com LSD*. São Paulo, Ed. Mestre Jou. 1969.
8. Hossri, Cesário Morey. *Prática do Treinamento Autógeno e LSD*. São Paulo; Ed. Mestre Jou. 1968.
9. Huxley, Aldous. *Moksha*. Porto Alegre; ed. Globo. 1983.
10. Labate, Beatriz Caiuby. *O uso ritual da Ayahuasca*. São Paulo, ed. Mercado de Letras. 2002
11. Leary, Timoth. *Flashback*. São Paulo, ed. Beca. 1999.
12. Osmond, Humphrey. *Sobre Alguns Efeitos Clínicos*. In.: MANDALA: A experiência alucinógena. Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira. 1972.
13. Sangirard Jr. *O índio e as plantas alucinógenas*. Rio de Janeiro, ed. Alhambra. 1983.
14. Wasson, Robert Gordon. *La búsqueda de Perséfone: los enteógenos y los orígenes de la religión*. México: ed. Fondo de Cultura Económica. 1992.